



# Projeto Livro Livre

## Iba Mendes

"O livro é um mudo que fala, um surdo que responde, um cego que guia, um morto que vive."

Padre Antônio Vieira

# Literatura



# Nicolau Tolentino

## *Obras Póstumas*



**Iba Mendes Editor Digital**  
[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)

*Obras Póstumas*  
Nicolau Tolentino

Adaptação ortográfica e projeto gráfico

Iba Mendes

---

Publicado originalmente em 1828.

Livro Digital nº 392 - 2ª Edição - São Paulo, 2019.

**Poesia** - Literatura Portuguesa.

**Nicolau Tolentino de Almeida**  
**(1740-1811)**

---



**Iba Mendes Editor Digital**  
[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)

# PROJETO LIVRO LIVRE



*Oh! Bendito o que semeia  
Livros... livros à mão cheia...  
E manda o povo pensar!  
O livro caindo n'alma  
É germe — que faz a palma,  
É chuva — que faz o mar.*

**Castro Alves**

O **Projeto Livro Livre** é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, livre e gratuito, de obras literárias já em Domínio Público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital. Sendo assim, não objetivamos fins comerciais ou promoção política. Tal qual o saudoso Nelson Jahr Garcia, pioneiro na divulgação do Livro Digital no idioma português, sempre estudei por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos. Por isso, sinto-me também na obrigação de "*retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou*". Daí o nosso esforço que se resume na simplicidade e na solidariedade.

\*\*\*

Segundo normas e recomendações internacionais estabelecidas pela maioria dos países, incluindo Brasil e Portugal, uma obra literária entra em Domínio Público 70 anos após a morte do seu criador intelectual.

O nosso Projeto, que tem por objetivo colaborar na divulgação da Literatura em Língua Portuguesa, em suas variadas modalidades, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por imprecisa razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza de nos informar no e-mail: [iba@ibamendes.com](mailto:iba@ibamendes.com), a fim de que seja imediatamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso dos bens culturais. Assim esperamos!

\*\*\*

O Livro Digital é – certamente – uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade das editoras comerciais. Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser digitalizado e compartilhado nos mais variados formatos digitais, tais como: PDF, MOBI, EPUB, entre muitos outros. Contudo, trata-se de um processo lento e exaustivo, principalmente na esfera da realização pessoal, implicando ainda em falhas decorrentes da própria atividade de digitalização. Por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras. Embora todos os livros do **Projeto Livro Livre** sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que algumas dessas falhas passem despercebidas. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de eventuais incorreções, pedimos gentilmente que entre em contato conosco, a fim de efetuarmos as devidas correções.

\*\*\*

Ressaltamos, por fim, que o **Projeto Livro Livre** não se limita a simples publicação de textos já disponíveis na Internet, sem qualquer critério. Em vez disso, pautamos nosso trabalho no esmero gráfico e ortográfico, na digitalização e atualização de novas obras, na publicação de autores do nosso tempo, na conversão de livros em áudio etc. Buscamos assim popularizar o Livro Digital, tornando-o acessível a qualquer pessoa e sem nenhum custo.

É isso!

**Iba Mendes**

## NICOLAU TOLENTINO, RESUMO BIOGRÁFICO

Nicolau Tolentino de Almeida, 4º filho do Dr. José de Almeida Soares, nasceu na casa onde então moravam seus pais, à Calçada de Santo André em Lisboa, alguns minutos depois da meia-noite do dia 9 de setembro do ano de 1740 e foi batizado na igreja paroquial dos Anjos a 15 do mesmo mês e ano, sendo seu padrinho o filho primogênito dos Condes de Villa Flor.

Foi terminar os seus estudos preparatórios em Coimbra, e ao contar vinte anos e vinte dias de idade, matriculou-se, pela primeira vez, na Universidade, na faculdade de leis, em 1 de outubro de 1760, continuando a fazê-lo no mesmo dia e mês dos anos 1761, 1762, 1763, 1765 e 1769.

Tolentino confessa nas suas obras, que frequentara a dita Universidade sete anos, mas o que verdadeiramente consta dos livros competentes, é que foram tão somente seis, havendo o intervalo de um em 1764 e a ausência de três em 1766, 1767 e 1768. Pode ser que o poeta somasse sobre os referidos seis um de preparatórios.

Em 20 de agosto de 1767 obteve carta de professor régio de retórica e poética, com o ordenado, avultado para aquele tempo.

Não podemos colher certeza se o poeta completou, ou não, a sua formatura, mas é de crer que sim, visto ter ido matricular-se pela sexta vez em 1769, depois de ter estado durante dois anos a exercer o professorado em Lisboa.

Em 19 de janeiro de 1780 é nomeado sócio supranumerário da Academia Real das Ciências de Lisboa; e, em 21 de julho de 1781 é nomeado oficial praticante da Secretaria de Estado dos Negócios do Reino, sem nenhum vencimento.



*Casa onde nasceu o poeta*

Em 29 de abril de 1793, por ocasião do nascimento da princesa da Beira a Sra. D. Maria Tereza, foi agraciado com o hábito de Cristo. Em 1801 obteve imprimir gratuitamente na oficina régia a 1ª edição das suas obras, que a generosidade dos subscritores fez render uns doze mil cruzados. Por decreto de 31 de outubro de 1803, teve a aposentação de professor régio.

Em 22 de junho de 1811 faleceu na casa à rua dos Cardais de Jesus.

O poeta Tolentino era de estatura alta, cheio de corpo, de rosto redondo, pele clara e rosada, olhos pardos, nariz regular, boca larga e engraçadíssima, dentes belos, andar nobre e pausado.

Era teful no trajar e assas prendado.

Exercitado no jogo das armas brancas, tinha franco acesso nas casas de toda a juvenil nobreza do seu tempo, onde tais exercícios eram quase exclusivo passatempo.

Durante a sua frequência na Universidade de Coimbra, portou-se como bom estudante, mas um pouco *cabula*, e não havia mesada que lhe chegasse. Foi ali, o que mais tarde confirmou, um grande gastador.

Pela morte de sua mãe em 1767 interrompeu os seus estudos universitários, já por ser amicíssimo dela, já porque seu pai caiu num estado tal de angústia, pelo mesmo motivo, que descurou completamente o seu mister de advogado, mingando-lhe assim e por algum tempo os necessários recursos.

Tolentino, nesse apertado lance, tratou de obter emprego e é desse tempo que datam as suas exageradas choradeiras. Nunca foi jogador de profissão, como alguém interpretou pelos seus versos; jogava sim, por mera distração, como era uso em geral jogar-se na sociedade lisboeta. Cremos mesmo, que esse entretenimento, para ele, era um meio de captar simpatias entre os fidalgos, expondo praticamente o seu finíssimo trato à prova dos que lhe poderiam ser úteis.

Logo que foi despachado professor de retórica, alugou casa na rua da Rosa e mais tarde na dos Fanqueiros, mas com a capacidade estritamente indispensável para dar aula, porque a sua assistência permanente foi, até 1780, em casa de seu pai.

Conviveu dentro e fora da Academia com seu primo, o Dr. José Bonifácio de Andrada e Silva — o patriarca da independência do Brasil, onde se lhe levantou uma estátua.

Não teve relações íntimas com Bocage, porque quando este veio pela primeira vez a Lisboa em 1782, contando apenas 16 anos de idade, já Tolentino passava dos 42 e achava-se colocado numa posição séria demais, para entrar em camaradagem com as verduras que levaram aquele poeta a seguir o caminho da Índia.

Em 1783, logo que teve a efetividade na secretaria de estado, foi morar para a Junqueira, montando desde logo carruagem, como usavam os do mesmo ofício, e vivendo largamente em companhia de sua irmã D. Ana e de seu sobrinho, o beneficiado Gonçalo José Maria, filho da dita senhora. Nenhum dos outros irmãos do poeta viveu em sua companhia.

A maior proteção e amizade que teve Nicolau Tolentino e sua família, foi a da dos viscondes de Vila Nova da Cerveira.

Foi, desde a entrada dos franceses em Portugal, que Tolentino perdeu a galhofa e se tornou taciturno; mas o que sobretudo o acabrunhou, e por assim dizer lhe abriu a cova, foi a morte de sua irmã D. Ana, em o dia 1º de março de 1811, essa, que havia sido a sua constante companheira durante 31 anos! Este golpe foi deveras o mais profundo; não lhe pôde resistir mais que 113 dias! Assim faleceu Tolentino, como já dissemos, na casa à Rua dos Cardais de Jesus, para onde tinha vindo da Junqueira em 1808, e apenas ali residiu 3 anos. Foi sepultado não pobremente, mas como o eram as pessoas abastadas, em carneiro dentro da igreja das Mercês.

Do seu testamento, fechado em 2 de julho de 1808, consta que legara aos sobrinhos e a uma sua criada a soma de 350 mil réis.

---

VISCONDE DE SANCHES DE BAENA

*"Memórias de Tolentino"* (1866)

*Pesquisa e adaptação ortográfica: Iba Mendes (2019)*

# OBRAS PÓSTUMAS



*À Sua Alteza.*



## SONETO I

Tornai, tornai, Senhor, ao Tejo undoso,  
Vinde honrar-lhe outra vez a clara enchente,  
E deixai que ajoelhe entre a mais gente  
Hum protegido humilde, e respeitoso.

Não leva a vossos pés rogo teimoso  
De importuno cansado pretendente;  
Vem beijar-vos a mão humildemente,  
A mão augusta que o fará ditoso.

Pois foi por Vós benignamente ouvido,  
Não vai fazer em pretensões estudo,  
Vai só mostrar-vos que é agradecido.

Ante Vós ajoelha humilde, e mudo:  
Mostrai-lhe que inda é Vosso protegido;  
Que se isto lhe ficou, ficou-lhe tudo.

## SONETO II

Qual naufrago, Senhor, que foi alçado  
Por mão piedosa dentre as ondas frias,  
Tal eu de antigas duras agonias  
Por vossas Reais mãos fui resgatado:

Pois vencestes as teimas do meu fado,  
E já vejo raiar dourados dias,  
Deixai que possa em minhas poesias  
O vosso Augusto Nome ser cantado.

Não é digna de vós minha escritura,  
Nem harmonia, nem estilo a adoça;  
Mas valha-lhe, Senhor, vontade pura.

Príncipe excelso, consenti que eu possa  
Fazer inda maior minha ventura,  
Contando ao mundo que foi obra Vossa.

*(Saindo Conselheiro da Fazenda o Ilustríssimo, e Excelentíssimo Senhor D.  
Diogo de Noronha)*

## SONETO III

Nem sempre em verdes anos a imprudência  
Produz irregular procedimento:  
Nem sempre encontra o humano entendimento  
Só perto do sepulcro a sã prudência.

Em Vós não esperou a Providência  
Que longas cãs vos dêem merecimento:  
Em Vós mostrou que estudos, e talento  
Valem mais do que a larga experiência.

Os eruditos velhos Conselheiros,  
Depois que o vosso voto ali for dado,  
Serão de Vós eternos pregoeiros:

E dirão que deveis ser escutado  
Onde os Ministros vossos companheiros  
Não sejam da Fazenda, mas do Estado.

*(Aos leques mui pequenos, chamados Marotinhos)*

#### SONETO IV

Fofo colchão, as plumas bem erguidas,  
E sobre os ombros nas jucundas frentes  
De enrolado cabelo anéis pendentes,  
Longos chorões, belezas estendidas,

Era esta das matronas presumidas  
A moda, que traziam bem contentes;  
Riam-se delas as modestas gentes  
Vendo pequenas poupas esquecidas.

Nisto a gentil Madama aperaltada,  
Grande autora de trastes esquisitos,  
Nova moda lhe inventa abandalhada.

Reprova-lhe áureos leques com mil ditos.  
Eis senão quando (oh moda endiabrada!)  
Abanam-se com azas de mosquitos.

*(O cruel disfarce)*

#### SONETO V

Sem murmurar padecerei calado

Cumprindo o teu preceito violento:  
Faltava a envenenar o meu tormento  
Dever ser por mim mesmo disfarçado.

De trazer o semblante sossegado  
Farei o inculpável fingimento:  
Nos olhos mostrarei contentamento,  
Tendo um punhal no coração cravado.

Este peito onde nunca engano viste,  
Que não sabe a vil arte de afetar-se,  
Onde a verdade, e a intacta fé existe,

Mártir do amor, e do infiel disfarce,  
Nas tuas adoráveis mãos desiste  
Até dos tristes direitos de queixar-se!

*(Ao Ilustríssimo, e Excelentíssimo Senhor Visconde de Ponte de Lima,  
Secretario de Estado)*

## SONETO VI

A longa cabeleira branquejando,  
Encostado no braço de um Tenente,  
Cercado de infeliz chorosa gente  
Ia passando o velho venerando.

Gerais repostas para o lado dando:  
“Sim Senhor; Bem me lembra; Brevemente;”  
Na praguejada mão onipotente  
Nunca lidos papéis ia aceitando.

Mas eu que já esperava altas mudanças,  
Melhor tempo aguardei, e na algibeira  
Meti a Petição, e as esperanças.

Chegou, Senhor Visconde, a *viradeira*:  
Soltai-me a mim também destas crianças,  
Onde tenho o meu Forte da Junqueira.

(*Fazendo Anos a Ilustríssima, e Excelentíssima Senhora Marquesa de Angeja*)

### SONETO VII

Senhora, há muito tempo pretendia  
Ser do vosso favor patrocinado:  
Mil vezes vos quis dar este recado;  
Porém sempre o respeito me impedia.

Chegou em fim o venturoso dia  
A fazer benefícios destinado:  
Vou neste privilegio confiado;  
Que a não ser isso não me atreveria:

Vou pedir que descendo da Cadeira,  
Onde explico os cruéis Quintilianos,  
Me ensineis a tomar melhor carreira.

Que em mim ponhais os olhos soberanos,  
E que me chegue em fim a *viradeira*  
No faustíssimo dia destes anos.

(*Aos Anos do Ilustríssimo, e Excelentíssimo Senhor Conde de Avintes*)

### SONETO VIII

A varonil idade fluorescente  
Vos tece, ilustre Herói, anos dourados  
Para serem à Pátria consagrados;  
Pois sois de Almeidas claro descendente.

Sobre as terras, e mares do Oriente  
Inda vejo os troféus alevantados:  
Vejo beber mil corpos aboiados  
Do turvo Ganges a fervida corrente.

No difícil caminho d'honra, e glória  
Por ferro, e fogo a seus bons Reis servindo,  
Vos deixam por doutrina a sua história.

Foram diante o duro passo abrindo:  
Entrai, Senhor, no Templo da Memória,  
Os bons Avós, e o ilustre Pai seguindo.

*(Estando nas Caldas)*

### SONETO IX

Por mais que vos alongue olhos cansados,  
Olhos há tanto tempo descontentes,  
Não vedes mais que pálidos doentes  
Por mãos estranhas n'água sustentados.

Quantas vezes ficastes magoados  
Por ver ir entre as fervidas correntes  
Envolvidas mil lágrimas ardentes  
Do que em vão quer alçar braços mirrados!

Vistas são estas de bem pouco gosto;  
Porém bem pagos ficareis um dia  
Quando virdes de Arminda o lindo rosto.

E o pranto, que até agora vos caía  
De lástima, d'ausência, e de desgosto,  
Ela o fará correr; mas de alegria.

*(A uns Anos)*

## SONETO X

Foi este o dia em que a teus pés baixaram  
Vênus, e as lindas Graças inocentes,  
E em torno do áureo berço reverentes  
Ao som de alegres hinos te embalaram.

Aos teus olhos gentis comunicaram  
Cruel poder de conquistar as gentes:  
Mil suspiros, mil lágrimas ardentes  
A muitos corações prognosticaram.

Deram-te uma alma heróica, um nobre peito:  
Deram-te discrição, e formosura,  
Dons a que o mundo está mui pouco afeito.

Mas, oh humana sorte, triste, escura!  
Para na terra nada haver perfeito,  
Deram-te um coração de pedra dura.

*(Ao disfarce das Mulheres)*

## SONETO XI

Vens de balde, oh belíssima perjura,  
Com o lindo rosto em lágrimas banhado:  
Já fui por ti mil vezes enganado,  
E sempre me afetaste essa ternura.

Esse alvo peito, que é de neve pura,  
Mas de aço, e fino bronze temperado,  
Encobre um coração refalseado,  
Hum coração de viva rocha dura.

Em vão trabalhas, se enganar-me queres,  
Vejo correr com ânimo sereno  
Esse pranto em que fundas teus poderes:

Mal inventado ardil: ardil pequeno:  
Tu mesma me ensinaste, que as mulheres  
Misturam com as lágrimas veneno.

*(A uma Camponesa)*

### SONETO XII

Não moram em palácios estucados  
Almas singelas, almas extremosas:  
Nutrem da Corte as damas enganosas  
Em tenros peitos corações dobrados.

Venham por longos mares conquistados  
As Indianas sedas preciosas:  
Cubram-lhe as carnes alvas, e mimosas  
Ricos vestidos em Paris bordados.

São isto efeitos da arte, e da ventura:  
Estimo mais que toda a vã grandeza  
Hum limpo coração, uma alma pura.

Não na Corte; das serras na aspereza  
Fui achar inocência, e formosura,  
Sagrados dons da simples Natureza.

*(A uma Dama interesseira)*

### SONETO XIII

Podiam ser felizes meus amores

Quando por ouro o amor se não vendia:  
Já de palavras Nize desconfia,  
Só crê ou em dinheiro, ou em penhores.

Viu-me assaltado d'ânsias, e temores  
Quando na porta irada mão batia:  
Por costume infeliz ela sabia  
Que era algum dos cansados acredores.

Foram-se os dias bem-aventurados,  
Em que só almas grandes, peitos nobres,  
Eram do Deus de amor agasalhados:

Negro destino hoje preside aos pobres:  
Pôs termo a bela Nize aos seus agrados,  
Vendo esta bolsa condenada a cobres.

*(Ao faustíssimo dia da Inauguração da Estátua Equestre del-Rei  
Fidelíssimo o Senhor D. José I)*

#### SONETO XIV

Em quanto o Reino cheio de ternura  
Ao grande Benfeitor te há consagrado,  
E respeita aos teus pés ajoelhado  
O Rei Augusto de quem és figura:

Em quanto os que me vencem em ventura  
Abrindo o antigo cofre chapeado,  
Mandão de prata, e d'ouro recamado  
Entretecer a rica vestidura:

Eu que não tenho desta louçania,  
De outra sem pejo sairei composto,  
Que não cede à mais fina pedraria.

São terníssimas lágrimas de gosto:  
Nem infama o triunfo deste dia  
Quem põe por gala o coração no rosto.

*(Descrição de Badajoz)*

### SONETO XV

Passei o Rio, que tornou atrás,  
Se acaso é certo o que Camões nos diz,  
Em cuja ponte um bando de Aguazis  
Registram tudo quanto a gente traz.

Segue-se um largo, em frente dele jaz  
Longa fileira de baiúcas vis:  
Cigarro aceso, fumo no nariz,  
É como a companhia ali se faz.

A cidade por dentro é fraca rés,  
As moças põem mantilhas, e andam só,  
Tem boa cara; mas não tem bons pés.

Isto, coifas de prata, e de retrós,  
E a cada canto um sórdido Marquez,  
Foi tudo quanto vi em Badajoz.

*(À Sereníssima Princesa entrando no banho)*

### SONETO XVI

Ninfas do Tejo já por mim cantadas,  
Nossa Augusta Princesa esta presente;  
Pedi-lhe, que honre a plácida corrente,  
E as águas ficaram mais prateadas.

Diante de seus pés ajoelhadas  
Em justo acatamento reverente,  
Serenem vossas mãos a clara enchente,  
E as frias águas corram temperadas.

Sobre as ondas as frentes levantando,  
Ao tempo que as douradas tranças belas  
Brandamente lhe fordes enxugando,

Dizei-lhe, que sustento Irmãs donzelas,  
Outras viúvas; e ide-lhe lembrando,  
Que o bem que me fizer é feito a elas.

*(Levantando-se o Autor da mesa de um Grande por serem horas de ir para a Aula)*

### SONETO XVII

Não tomando em desprezo o escuro estado  
Em que me pôs Fortuna, e Natureza,  
Olhastes sem horror minha baixeza,  
E fizestes sentar-me ao vosso lado.

Então de ingrata obrigação chamado  
Deixei à força a companhia, e a mesa,  
E inda cheio de ideias de grandeza  
Vim dar por tema um Verbo conjugado.

Não sei com dois opostos conformar-me;  
Sofrem-me os Grandes, sou taful, e moço,  
Não sei a *Senhor Mestre* costumar-me.

Tais extremos, Senhor, unir não posso;  
De dois gênios não sou: mandai fechar-me  
Ou a minha Aula, ou o Palácio vosso.

*(Ao Excelentíssimo Senhor Marquez de Penalva chegando o A. à quinta das Lapas)*

### SONETO XVIII

Hum triste fatigado caminhante  
Chega a Vós, Ilustríssimo Penalva:  
Com a mão na espada a augusta Casa salva  
Segundo as leis de cavaleiro andante.

Sobre ronceiro fraco Rocinante,  
Que pesca a dente encontradiça malva  
Por duras rochas, por areia calva  
Cem vezes pronta morte viu diante.

Cuidando achar aqui melhores fados,  
Aos pés de outro Rocim, por novo caso,  
Quase que viu seus dias acabados.

Quis correr junto a Vós sobre o Pégaso:  
Caiu, e por sinal colheis regados  
Do sangue seu os louros do Parnaso.

*(Descrição de um Peralta amaltelado)*

### SONETO XIX

Hum vulto cuja forma desconsola  
Pelo muito que mostra o pouco siso,  
E que pela pobreza do juízo  
Mil trastes esquisitos desenrola:

Chapéu que bem carrega um mariola,

E que ainda aos sisudos causa riso,  
Casaquinha cortada de improviso,  
Fivela que lhe vem de sola a sola:

Espantalho que em praça nunca falta  
Sem ter ocupação nem má, nem boa,  
Que apenas moça vê logo lhe salta:

Eis-aqui, sem medir qualquer pessoa,  
Breve quadro de um mísero Peralta,  
Que afeta de Maltez cá em Lisboa.

*(Aos Anos do Sereníssimo Príncipe Nosso Senhor)*

### SONETO XX

Foi este, Alto Senhor, o santo dia,  
O Céu o concedeu, o Céu que é justo  
Aflito o Povo, posto em dor, e em susto  
Com lágrimas ardentes lho pedia.

O fértil Ganges nas entranhas cria  
Ofertas para Vós, Príncipe Augusto,  
E ajoelhado na praia o Povo adusto  
Rico tesouro a vossos pés envia.

Ao Reino tecereis dias dourados,  
Sem precisar que os Fastos Lusitanos  
Vos contem as ações dos Reis passados.

Ponde os olhos nos vivos Soberanos,  
Estudai-lhe as doutrinas, e os cuidados,  
E a pátria aclamará os vossos Anos.

*(A um Leigo Arrabido vesgo, despedido da Mesa do S. C. P. Silva, por tomar a melhor pera da Mesa)*

## SONETO XXI

O vesgo monstro que com a gente ralha  
E de manhã a todos atravessa,  
A cuja hirsuta sórdida cabeça  
Nunca chegou juízo, nem navalha;

Que os gázeos olhos pela mesa espalha  
Por ver se há mais comer que tire, ou peça,  
Entrando nele com tal fome, e pressa  
Qual faminto frizam em branda palha;

Por crimes de alta gula, e pouco siso,  
De mesa bem servida, mas severa,  
Foi num dia lançado de improviso.

Hoje chorando o seu perdão espera:  
Perderam dois glutões o Paraíso,  
O antigo por maçã, este por pêra.

*(Aos toucados altos)*

## SONETO XXII

Foi ao Manique um homem acusado  
Por contrabandos ter; ele ciente  
Chama a quadrilha, corre diligente,  
Entra, busca, e não acha o Malsinado.

Acha a mulher, que tinha por toucado  
A torre de Belém: ela que o sente,  
Banhada em pranto, desmaiada a frente,  
Prostra por terra o corpo delicado.

Com o boléu se esbandalha a mata espessa,  
Saem dela esguiões, cassas lavradas,  
E de belbute trinta e uma peça,

Fivelas, espadins, rendas bordadas:  
Até tinha escondido na cabeça  
O marido, e três arcas encouradas.

*(Metendo a ridículo umas contradanças)*

### SONETO XXIII

Numa trêmula sala mal armada  
Com placas velhas, e papel pintado;  
Clamava já o povo alvoroçado  
Que fosse a Favorita começada.

Guincha em venal rabeca desgrudada  
De velho músico o arco estuporado:  
Cadeia, grita um muito suado,  
Olhem que vai a contradança errada.

Nervoso chispo, saborosas frutas  
É fazenda que ali nunca governa:  
Aquelas bocas andam sempre enxutas.

Nunca mais ali torno a fazer perna:  
Quanto mais vale o ir com quatro trutas  
Fazer uma função Numa taberna.

*(Por ocasião de estranharem ao Autor um sonho que a ninguém ofendia)*

### SONETO XXIV

Atiça, ó moço, a moribunda chama

Dessa faminta, sórdida candeia,  
E encostado à parede cabeceia,  
Posta de guarda ao pé da minha cama.

Se o sono, que em meus olhos se derrama,  
E os languidos sentidos me encadeia,  
Tentar com sonhos esta pobre idéia,  
Em altos gritos por meu nome chama:

Assenta-me na cara essas mãos frias:  
Pois vês o fruto, que sonhando tiro,  
Corta em raiz traidores fantasias.

Contra os sonhos desde hoje me conspiro:  
Se ao primeiro me dizem heresias,  
Em sonhando outros pregam-me um tiro!

*(À moda dos chapéus maiores da marca)*

### SONETO XXV

Amigos, e Senhor meu, de França, ou Malta  
Hum chapéu mande vir a toda a pressa;  
A copa que me ajuste na cabeça;  
Mas as abas na forma a mais peralta.

A detrás que me fique muito alta,  
A presilha, e botão pequena peça:  
Estimarei que disto não se esqueça;  
Que a demora me faz bastante falta.

Gostei muito do invento, é bem traçado,  
Porque vi no Loreto um certo dia  
Muito povo a correr para o Chiado,

Para ver um Senhor, quem tal diria:  
Com um chapéu de tal forma desmarcado  
Que nem a gente a pé passar podia.

*(Às fivelas chamadas a la Chartre)*

### SONETO XXVI

Oh quantos Mexicanos patacões,  
Mareados talheres já sem par,  
À tonta Avó o neto vai furtar  
De mofentos decrépitos caixões:

Fundidos em quadrados fivelões  
Para à Chartres o neto passear,  
Traz nos pés a baixela singular  
Que podia servir em correões.

Capitão Vento-Sul, rico Holandês,  
Que de prata subtil pequenos Ós  
Servem só de fivelas nos teus pés,

Vem admirar-te, vendo que entre nós  
Traz o pobre peralta Português  
Por fivelas molduras de tremós.

*(A uma Velha presumida)*

### SONETO XXVII

Debalde sobre a face encarquilhada  
Pendendo louros bugres emprestados,  
Dás inda ao louco amor teus vãos cuidados,  
Em carmins enganosos confiada.

Postiça formosura, em vão comprada,  
Não torna atrás os anos apressados:  
Nem alvos dentes de marfim talhados,  
Tornam em nova a trêmula queixada.

De ti no mesmo tempo que do Gama  
Cantou mil bens a Deusa Trombeteira,  
A que os baixos Poetas chamam Fama:

Porém sempre ficaste em boa esteira;  
Porque, se já não prestas para dama,  
Inda serves mui bem como terceira.

*(Aos Anos de uma formosa Dama)*

### SONETO XXVIII

Deixai, Pastores, na montanha os gados,  
Vinde ao sítio melhor desta campina  
Beijar a mão à bela, e peregrina  
Deidade tutelar dos nossos prados:

Vinde ofertar-lhe aos anos celebrados  
O cravo, a rosa, a angélica, a bonina;  
E ao mais suave som da flauta fina  
Decantar seus ilustres predicados.

Mas já a cercam pastores, e pastoras;  
Uma lhe beija a mão, outra o vestido;  
Eles a coroam de vistosas flores,

E em doces vozes todo o rancho unido  
Canta que ela é a Deusa dos Amores;  
Pois tem no rosto as setas de Cupido.

*(À Sua Alteza)*

## SONETO XXIX

Nesta cansada triste poesia  
Vedes, Senhor, um novo pretendente,  
Que aborrece o que estima toda a gente,  
Que é ter no mundo cargos, e valia.

Sobre alto trono há anos que regia  
De dócil povo turba obediente:  
Mas quer antes sentar-se humildemente  
Num banco da Real Secretaria;

Qual modesto Capucho reverendo,  
Que em fim de Guardiania trienal  
Passa a Porteiro as chaves recebendo.

Em mim conheço vocação igual:  
E com a mesma humildade hoje pretendo  
Passar de Mestre a ser Oficial.

*(A um Padre Guardião)*

## SONETO XXX

Meu Padre Guardião, que exemplarmente  
Regeis essa Capucha Sociedade,  
Que munida do véu da Santidade  
Passa como não passa a mais da gente:

Vós que à força de braço onipotente  
Fazeis tremer do inferno a potestade,  
E aos exorcismos só de um vosso Frade  
Se explica o Demo em Português corrente:

Logo que dessa estola o forte escudo

Buscar esbelta Ninfa, que atacada  
Seja d'algum Demônio surdo, ou mudo,

Mandai dos Marques conte a trapalhada:  
Pois só ele, que foi o que urdiu tudo,  
Sabe quem cometeu a velhacada.

*(Em louvor de Caporalini, Ator do Teatro de São Carlos)*

### SONETO XXXI

No grão Teatro vejo sempre enchentes:  
As cãs anosas, os cabelos louros,  
Ilustradas nações, bárbaros Mouros,  
Todos da tua voz ficam pendentes.

Que importa que não deixem descendentes  
Teus ex-viris desabitados couros;  
Que importa que tu roubes aos vindouros  
Se enriqueces, se encantas os presentes?

Não é traição ao sexo feminino;  
É só razão quem te elogia, e presa,  
Cômico Mestre, Músico divino.

Oh nação de harmonia, e de crueza!  
O teu ferro nem sempre é assassino:  
Não insultou, honrou a natureza.

*(Achando-se o Autor prezo dos belos olhos de Márcia)*

### SONETO XXXII

Eu vi a Márcia bela, vi Cupido

Com arco, setas, e cruel aljava,  
Com ímpeto sair de donde estava,  
E voar para mim enfurecido.

Fugi; bradei: porém não fui ouvido;  
E o tirano Rapaz que me buscava,  
Com uma, e outra seta me atirava,  
Até de todo me deixar rendido.

Atou-me as mãos com ásperas cadeias,  
Sem o mover o sangue que corria  
Do roto coração, das rotas veias.

Antes, com frio riso me dizia:  
“E não sabias tu, que Amor receias,  
Que nos olhos de Márcia Amor vivia?”

*(Sobre a Ingratidão de uma Dama)*

### SONETO XXXIII

Coração, de que gemes, de que choras?  
Que parece tens ódio à própria vida!  
Se perdeste teu bem, foi mão perdida,  
Com te pôr a morrer nada melhora.

Eu bem sei que a beleza a quem adoras,  
Foi-te ingrata, e cruel, foi fementida;  
Mas que esperavas tu, se é lei sabida  
O mudar-se a Mulher todas as horas.

Sossega, Coração, deixa a tristeza;  
Quem te mandou querer com fé tão pura,  
Quem te mandou mostrar tanta firmeza!

Erraste, tem paciência, em fim procura  
Não fazer por Mulher jamais fineza,  
Acharás mais amor, maior ventura.



## CANTIGAS

*(Feitas nas Caldas com o Estribilho)*

*Negras tristezas,  
Adeus, adeus.*

Não há nas Caldas  
Melancolia,  
Dão alegria  
Os ares seus.  
*Negras tristezas,  
Adeus, adeus.*

Sara-me a terra,  
E não as águas:  
Não curam magoas  
Os banhos seus.  
*Negras &c.*

Uns lindos olhos,  
Que o dia aclaram,  
Afugentaram  
Os males meus.  
*Negras &c.*

Brandos sorrisos  
A furto dados  
Fazem dourados  
Os dias meus.  
*Negras &c.*

Se entra nos banhos  
Marília bela,  
Entra com ela  
O cego Deus.  
*Negras &c.*

Ali tempera  
Nas águas puras  
As pontas duras  
Dos ferros seus.  
*Negras &c.*

Enxuga as tranças  
Da Ninfa loura,  
E nelas doura  
Os farpões seus.  
*Negras &c.*

Caldas ditosas  
Teu nome cresça,  
Alça a cabeça  
Até os Céus.  
*Negras &c.*

O pobre Anfriso,  
Que estas calçadas  
Deixou regadas  
Dos olhos seus,  
*Negras &c.*

Hoje em triunfo  
De seus pesares  
Levanta altares  
De Gnido ao Deus.  
*Negras &c.*

## ENDECHAS

No sacro Templo  
Que Amor habita  
Minha alma aflita  
Fui imolar.

Na ruiva flama  
Que silva ardendo  
A mão detendo  
Jurei-te amar.

Fumoso sangue,  
Mal findo o voto,  
Do peito roto  
Vi gotejar.

D'alma oprimida  
A insana pena  
Causou-lhe Elena  
Que soube amar.

Nos fidos peitos  
O morto lume  
Negro ciúme  
Ia atear.

Vulcano fero  
Ante Mavorte  
O rival forte  
Não pode olhar.

Dos desprezados,  
Que sofrem tanto,  
O rouco pranto  
Feria o ar.

Aqui jaz Délio  
Terno, e vencido.  
Sem de Cupido  
Prêmio alcançar:

Que Dafne esquiva,  
Com triste agouro,  
Em verde louro  
Viu transformar.

Pan segue a Ninfa,  
Que tanto adora;  
Seu fado chora  
Vendo-a mudar.

De tenras canas  
Amor lhe manda,  
Que a fruta branda  
Vá fabricar.

Cercada Dido  
De angústias feias,  
Ah falso Enéas!  
Se ouve bradar.

Seus lindos olhos  
Frouxos erravam;  
Em vão buscavam  
O vago mar.

Subtis enredos  
De acerbo dano  
Bifronte engano  
Eu vi tramar.

Por Tisbe bela,  
Que busca errante,  
Piramo amante  
Vai acabar.

Conhece a amada  
O infeliz erro,  
Ousa ímpio ferro  
Em si cravar.

Serve-lhe a terra  
De duro leito,  
Vê-se-lhe o peito  
Inda arquejar:

As pardas sombras;  
Que Amor mistura,  
Na Estige escura  
Vão aportar:

Desenrugando  
A crespa fronte,  
Ledo Aqueronte  
As foi buscar.

E eu combatido  
De mil pesares  
Vou pelos ares  
A suspirar.

Sei ser-te amante  
Sem prêmios vivo,  
Este o motivo  
Do meu penar.

Vês mil exemplos,  
E jamais pensas  
Que pode ofensas  
Amor vingar.

Ah! sê piedosa:  
As cruas penas  
Torne serenas  
Teu brando olhar.

*(Em dia dos anos do Ilustríssimo Principal Almeida)*

Por mais que esse sangue honrado  
Vos inspire os pondonores  
De merecer os louvores  
E não querer ser louvado,  
Este dia é consagrado  
A elogios soberanos:  
Sem vir enfeitar enganos  
Com mão venal, e fingida,  
Em contar a minha vida  
Louvarei os vossos anos.

Teceram-me em baixo estado  
A Fortuna, e a Natureza:  
Entre os braços da Pobreza  
Fui desde o berço lançado.  
Pelas vossas mãos alçado  
Quebrei da desgraça o fio:

Se da crua fome, e frio  
Livro o Pai, livro os Irmãos,  
É obra das vossas mãos,  
E faz o vosso elogio.

## MOTE

*Olhos de Lise, olhos belos,  
Olhos para mim fatais,  
Que um vosso girar somente  
Me faz temer mil rivais.*

## GLOSA

Da alva Lise os brancos dentes,  
O rosto afável, e brando,  
A boca, donde em falando  
Ficamos todos pendentos,  
Nos lisos ombros patentes  
Soltos os longos cabelos  
Não são causa dos desvelos,  
Nem das ânsias em que vivo:  
Vós sois, vós sois o motivo,  
Olhos de Lise, olhos belos.

Vós sois os meus vencedores,  
E sois glória do vencido:  
De vós me atira Cupido  
Mil farpados passadores.  
Se vence o Deus dos Amores,  
Vós as armas lhe emprestais.  
Que ternos saudosos ais,  
Que pranto em vão derramado,  
Me não tendes vós custado,  
Olhos para mim fatais!

Se o rosto ao Céu levantado  
Alçais as pestanas pretas,  
Logo de brilhantes setas  
Vejo todo o ar cruzado.  
Cupido, que tem jurado  
Crua guerra à humana gente,

Das nuas costas pendente  
Dura aljava, e passadores,  
Fará conquistas menores  
Que um vosso girar somente.

Quando desses claros lumes  
Saem as chamas brilhantes;  
De mil rendidos amantes  
Ouço saudosos queixumes.  
Não chameis loucos ciúmes,  
Ó Lise, os que em mim causais:  
Do poder de uns olhos tais  
Quem há que livrar-se possa,  
Se a menor perfeição vossa  
Me faz temer mil rivais?

#### MOTE

*Tu teimas em desprezar-me,  
Eu teimo em te idolatrar,  
Juntarei teima com teima,  
Teimando te hei de abrandar.*

#### GLOSA

De ser comigo piedosa  
Não dás, Marília, esperanças:  
Inda, cruel, não te cansas  
De ser esquiva, e teimosa!  
Que importa, ó Ninfa formosa,  
Vir neste pego arriscar-me,  
De mergulho ao mar lançar-me,  
E os livres peixes colher-te;  
Se quanto eu teimo em querer-te,  
Tu teimas em desprezar-me?

Com os olhos ao Céu erguidos,  
Ou postos nos longos mares,  
Por ti encho os vagos ares  
De mil saudosos gemidos:  
Nos rochedos desabridos,  
Que em vão bate o rouco mar,  
Devorando o meu pesar,  
Já que de ouvi-lo te cansas,  
Sem prêmio, sem esperanças  
Eu teimo em te idolatrar.

Teimando, se mal não penso,  
Hei de abrandar teus rigores;  
Porque assim como em amores,  
Também em teimas te venço.  
Juro pelo Sol intenso,  
Que a prumo estas rochas queima,  
Que mais do que eu ninguém teima.  
São as causas desiguais:  
Mas por ver quem teima mais,  
Juntarei teima com teima.

Se alva fonte murmurando  
Gasta em torno os duros seixos,  
E vai dos anosos freixos  
As raízes escarnando:  
Se duras rochas quebrando  
Vai com o tempo o bravo mar:  
Se bronzes pode cortar  
Mordente lima teimosa:  
Também eu, Ninfa formosa,  
Teimando te hei de abrandar.

#### MOTE

*Não sei que quer a desgraça,  
Que atrás de mim corre tanto:*

*Hei de parar, e mostrar-lhe  
Que de vê-la não me espanto.*

### GLOSA

Não sei que outro mal profundo  
Inda a desgraça me guarda,  
Se me tirou em Anarda  
O que tem de bom o mundo!  
Foi este golpe tão fundo,  
Que outro não tem que me faça:  
Se em levar-me o gesto, e a graça  
De uns olhos, por quem vivia,  
Me fez quanto mal podia,  
Não sei que quer a desgraça!

Debalde outros gostos pintas,  
Amor, para cativar-me:  
Já não tornas a enganar-me,  
Por mais, e mais que me mintas.  
Inda tens as setas tintas,  
Inda enxugo inútil pranto:  
Ao teu venenoso encanto  
Novas vítimas procura;  
E dá-lhe dessa ventura,  
Que atrás de mim corre tanto.

Fizeste, ó desgraça, um erro  
Em vires do Amor valer-te:  
Como há de ele socorrer-te,  
Se eu já conheço o seu ferro?  
À sua voz o ouvido cerro:  
Custou-me sangue o escapar-lhe:  
E para melhor provar-lhe,  
Que eu já sou dos seus cortados,

Sinais inda mal fechados  
Hei de parar, e mostrar-lhe.

Tu só me deste um desgosto,  
Outro já não podes dar-me:  
Já agora sempre hás de achar-me  
A mesma alma, e o mesmo rosto,  
Se em ferros por ti for posto,  
Verás que ao som deles canto;  
Se envolta em sanguíneo manto  
Me pões a morte diante,  
Notarás no meu semblante,  
Que de vê-la não me espanto.

#### MOTE

*Os meus olhos a chorar.*

#### GLOSA

Pranto inútil são os meios  
Das pessoas desgraçadas:  
Pagai, lágrimas cansadas,  
Pagai delitos alheios.  
Já que de ouro cofres cheios  
Nunca pude a Nize dar,  
Já que devo em fim pagar  
Culpa, que só tem meus fados,  
Fiquem sempre condenados  
Os meus olhos a chorar.

#### MOTE

*Já disse tudo a Cupido.*

## GLOSA

Na vossa gentil figura  
Mil dões natureza pôs:  
Todos cuidam que sois vós  
A Deusa da Formosura.  
Vênus mil vinganças jura,  
Vendo o seu culto esquecido:  
Vai de setas o ar ferido.  
Senhora, andai cuidadosa,  
Que a louca Deusa invejosa  
Já disse tudo a Cupido.

## MOTE

*Distâncias, e saudades.*

## GLOSA

As nodosas carvalheiras,  
Que assombram hermas estradas;  
Altas rochas, penduradas  
Sobre medonhas ribeiras;  
Duras, íngremes ladeiras,  
Escuras concavidades;  
São as tristes soledades,  
A quem meu cansado peito  
Conta o mal, que lhe tem feito  
Distâncias, e saudades.

## MOTE

*Cantarei alegres penas,  
Que cercam meu coração.*

## GLOSA

Que eu cante alegre me ordenas?  
Que cruel, que dura Lei!  
Porém obedecerei,  
Cantarei alegres penas:  
Por todo o modo envenenas  
A minha infeliz paixão;  
Tu deras valor à ação  
De eu afetar alegrias,  
Se visses as agonias  
Que cercam meu coração.

## MOTE

*Nada no mundo figura,  
Quem não chega a ter amor.*

## GLOSA

Deus de Amor, sempre a ventura  
De tuas mãos pendente vi:  
Tu podes tudo; sem ti  
Nada no mundo figura.  
Recolhe da terra dura  
Fruto imenso o Lavrador;  
Mas oculto dissabor  
No fundo da alma lhe diz,  
Que não chega a ser feliz  
Quem não chega a ter amor.

## MOTE

*Amor para me prender  
Os teus olhos me mostrou.*

## GLOSA

Mil belezas me fez ver,  
Porque alguma me rendesse,  
Não sabia o que fizesse  
Amor, para me prender.  
Mil laços me foi tecer,  
Laços vãos, que em vão me armou;  
Provadas setas tirou,  
Que ia em veneno ensopando;  
Porém só me rendi quando  
Os teus olhos me mostrou.

## MOTE

*A minha felicidade.*

## GLOSA

Cesse, ó Nize, o teu rigor:  
Esse ódio injusto reprime:  
Perdem o nome de crime  
Os crimes que faz amor.  
Torne ao seu antigo ardor  
A nossa antiga amizade:  
Adoça a rigorigade  
Do penoso estado meu,  
E faze cum riso teu  
A minha felicidade.

## MOTE

*Quem adora ocultamente  
Sem declarar seu amor  
Sente mil ânsias no peito,  
Vive cercado de dor.*

## GLOSA

Por que bárbara razão  
Hum justo amor se reprime,  
E há de julgar-se por crime  
Pôr na boca o coração?  
Claros olhos ferir vão  
Hum coração inocente;  
Nem ao triste se consente  
Dar sinais de seu cuidado!  
Deuses! quanto é desgraçado  
Quem adora ocultamente!

No peito a chama acendida  
As entranhas lhe abrasou;  
Mas da ingrata, que a ateou,  
É crime ser percebida.  
Se deita sangue a ferida  
À vista do matador,  
Vejam de que nova dor  
Sente o triste a alma cortada,  
Falando com a sua Amada  
Sem declarar seu amor!

Arde em um fogo escondido:  
Pois se conta o seu cuidado,  
Além de ser desgraçado,  
Chamam-lhe em cima atrevido.  
Até quase tem perdido  
De olhar o livre direito;  
Vive sempre contrafeito;  
E entre mil contrários posto,  
Mostra alegria no rosto,  
Sente mil ânsias no peito.

Busca alegres companhias,  
Por curar o mal que sente:  
Entra a ingrata de repente,  
Despertam-se as cinzas frias.  
Ternas Arias, Sinfonias,  
Tudo aviva o seu amor;  
Mas dos fados o rigor  
Tem sobre ele tais poderes,  
Que no meio dos prazeres  
Vive cercado de dor.

#### MOTE

*Nos olhos o amor explico  
Que trago no coração;  
Que não se pode ocultar  
No peito a doce paixão.*

#### GLOSA

Mandas-me, ó Anarda, em vão  
Os olhos meus reprimir;  
Que eles sempre hão de seguir  
O impulso do coração.  
Sem querer sinais darão  
Do afeto, que não público:  
Com a boca, que mortifico,  
Que importa que o não revele,  
Se eu, por mais que me acautele,  
Nos olhos o amor explico?

Amor os faz descuidados:  
Em vão, Anarda, os abaixo;  
Pois daí a pouco os acho  
Outra vez nos teus pregados.  
Trazelos mais castigados  
Não está na minha mão:

Esta continua omissão,  
Este erro, como tu dizes,  
É um fruto das raízes,  
Que trago no coração.

De que serve olhar a medo,  
E falar acautelado,  
Se um suspiro descuidado  
Vem descobrir o segredo?  
Este artifício, este enredo  
Pouco poderá durar:  
Meus olhos me hão de entregar;  
Que um amor na alma arraigado  
É como um fogo ateado,  
Que se não pode ocultar.

Tempo, e arte tenho posto  
Para disfarçar-me em tudo:  
Mas sai-me perdido o estudo,  
Em vendo o teu lindo rosto.  
Disfarça-se mal um gosto,  
Que nasce do coração:  
Também tu dessa lição  
Talvez que bem não saíras,  
Se assim como eu sentiras  
No peito a doce paixão:

#### MOTE

*Por passos sem esperança,  
Onde me leva o desejo?*

#### GLOSA

Vão pensamento, descansa,  
Reconhece as forças minhas:

Tu não sabes, que caminhas  
Por passos sem esperança?  
Junto da corrente mansa  
Me pões do dourado Tejo:  
Cá de longe o sítio vejo:  
Mas não devo um passo dar,  
Que eu não mereço chegar  
Onde me leva o desejo.

#### MOTE

*Eu já tenho experimentado  
As minhas inclinações.*

#### GLOSA

Que nunca teu doce agrado  
De amizade simples passa,  
Por minha grande desgraça  
Eu já tenho experimentado.  
Antes ódio declarado,  
Que estas equivocacões!  
Quero as ternas expressões  
De que as almas se alimentam:  
Com menos não se contentam  
As minhas inclinações.

#### MOTE

*Eu já tenho experimentado  
As minhas inclinações.*

#### GLOSA

Senhora, eu tenho encontrado

No teu amor mil intrigas:  
Não preciso que mo digas,  
Eu já tenho experimentado.  
São prêmios do meu cuidado  
Enganos, e ingratidões;  
E por ocultas razões  
São, inda que mo não dizes,  
Tão justas, como infelizes,  
As minhas inclinações.

#### MOTE

*Ouvi, ó Senhora, ouvi  
Os suspiros de uma voz,  
Que quando por vós suspira,  
Aspira somente a vós.*

#### GLOSA

Chegou finalmente a hora  
De saberdes quem vos ama:  
Rebente esta antiga chama,  
Que ardeu oculta até agora.  
Amar calando, Senhora,  
Assaz o fiz até aqui:  
As ânsias, que padeci,  
Sejam finalmente expostas...  
Ah! não me volteis as costas:  
Ouvi, ó Senhora, ouvi.

Perdei uma vez o horror  
A ouvir ternos gemidos;  
Nunca feriram ouvidos  
Brandas palavras de Amor.  
Que hora, e que sítio melhor,  
Do que este em que estamos sós?

Que culpa, que crime atroz  
Temeis que ante vós farão  
As queixas de um coração,  
Os suspiros de uma voz?

Meu coração vos adora;  
Sem saber o conquistais:  
Estas ânsias, estes ais  
São obra vossa, ó Senhora.  
Em segredo amou até agora;  
De amor vive; amor respira;  
E se vós, depondo a ira,  
Lhe prometeis compaixão,  
Que melhor ocasião,  
Que quando por vós suspira?

Nele, Senhora, não posso  
Nutrir estranha paixão:  
Em fim este coração  
Foi feito para ser vosso:  
Para encher-se de alvoroço  
Basta ouvir a vossa voz:  
Passa indiferente, e veloz  
Por mil belezas, que admira,  
Nada o enche, a nada aspira,  
Aspira somente a vós.

#### MOTE

*Hei de amar-te até à morte,  
Quer tu me queiras, quer não:  
Serei no amor desgraçado;  
Mas com discreta eleição.*

## GLOSA

Não fujo, podes rasgar  
Este peito desgraçado;  
Que o teu gesto retratado  
Hás de, cruel, nele achar.  
Posto que veja roubar  
À Parca a tesoura forte,  
E dar-me na vida corte,  
Inda ouvirás, que te digo:  
“Ingrata, não me desdigo,  
Hei de amar-te até à morte.”

Vem, Amor, autorizar  
O sagrado juramento  
De até ao final alento  
Firmemente te adorar.  
De joelhos, no Altar  
Com a devida submissão  
Resoluto ponho a mão;  
Juro nas setas tremendas  
De te amar, quer tu me ofendas,  
Quer tu me queiras, quer não.

Amor com as mãos apressadas  
Ergue dos olhos a venda,  
E pasma da jura horrenda,  
Que assusta as aras sagradas.  
“Eis as correntes pesadas,  
Que te esperam”, diz irado.  
Eu as aceito humilhado,  
“Não, ó Deus, não esmoreço  
Com os ferros, posto conheço  
Serei no amor desgraçado.”

A Liberdade ultrajada  
Lança-me a revés a vista;  
Risca-me da honrada lista,  
E chama-me escravo irada.  
Não crimines indignada  
Esta nobre sujeição.  
Arrastro o férreo grilhão;  
Mas por quem? Por Nize bela.  
Ah! sim te deixo por ela;  
Mas com discreta eleição.

#### MOTE

*Toda a Mulher é perjura.*

#### GLOSA

Triste solitário freixo,  
Mais triste do que eras dantes,  
Conta, conta aos caminhantes  
A razão com que eu me queixo.  
Em teu tronco escrita deixo  
Minha funesta aventura:  
Reconta esta história dura,  
Por que veja quem a ler,  
Que depois de Armida o ser  
Toda a Mulher é perjura.

*(Ao Ilustríssimo, e Excelentíssimo Senhor Marquez de Penalva)*

Ilustríssimo Penalva,  
Já que me dais proteção,  
Sentido na ocasião,  
Porque bem sabeis que é calva.  
Se o vosso braço me salva  
Das crianças pertinazes,  
Se a poder das vossas frases

Meu duro grilhão se corta,  
Por triunfo à vossa porta  
Pendurarei dois rapazes.

#### MOTE

*De mil suspiros que eu dou.*

#### GLOSA

Parto em fim desesperado,  
E sem que o motivo conte  
Vou a estranho horizonte  
Chorar o meu triste fado.  
Já vejo o laço quebrado  
Que a ventura me forjou;  
E como Nize o quebrou,  
Conservando os olhos secos,  
Ao menos não ouça os ecos  
De mil suspiros que eu dou.

*(Ao Ilustríssimo, e Excelentíssimo Senhor Marquez de Penalva)*

Ontem soube o que podia  
Estilo suave, e brando:  
E quanto podeis falando  
Eu o vi na Academia.  
Nas almas fogo acendia  
Vossa discreta Oração.  
Sobre a minha pretensão  
Vos peço que assim oreis,  
E que ao Príncipe faleis  
Como falais à Nação.

*(Ao Ilustríssimo, e Excelentíssimo Senhor Conde de Vila Verde)*

Mandais-me que os versos traga  
Que na almofada falaram;  
Porque os outros vos ficaram  
Nas mãos da Ilustre Arriaga.  
Essa honra é uma paga,  
Que eles nunca mereceram:  
Se os seus olhos se puseram  
Sobre tão baixa escritura,  
Devo essa grande ventura  
Às ilustres mãos que os deram.

Mas é do meu triste fado  
Tão teimosa a crueldade,  
Que até na felicidade

Vejo que sou desgraçado:  
Pois devíeis cautelado  
Segurar a ocasião:  
Fingindo que errava a mão,  
Entre mil papéis diversos  
Podíeis em vez dos Versos  
Dar-lhe a minha petição.

*(Ao Ilustríssimo, e Excelentíssimo Senhor Conde de Vila Verde)*

Assisti à Sagração,  
Ato, Senhor, dos mais sérios,  
Que envolve augustos Mistérios  
Da nossa Religião.  
Lembrou-me crismar-me então  
Por ser ato Episcopal;  
Por permitir ação tal  
Que outro apelido se tome;  
Lembrou-me trocar o nome  
De Mestre em Oficial.

Busquei as horas melhores,  
E encomendei-me à fortuna;  
Cheguei, e para a Tribuna  
Tinham já ido os Senhores.  
Pelos frios corredores.

O bom Lima me encaminha;  
Foi-me pôr na tal portinha  
Onde os pretendentes vão  
Pôr os joelhos no chão,  
E os olhos na Rainha.

Com a cabeça estopetada,  
Como quem dorme sem cama,  
Roto fumo, e alguma lama  
Sobre a casaca encarnada,  
Vi o tal que grita, e brada,  
Quer na Sala, quer na rua.  
Por mais que trabalha, e sua,  
Guarda-roupa é louca idéia:  
Como há de guardar a alheia  
Quem trata tão mal da sua?

Ao pé a figura rara  
Do pardo Cardeal astuto,  
Que para cumprir o luto

Lhe basta mostrar a cara.  
Dos dois na justiça clara  
Grandes fundamentos acho;  
Mas fujo mais para baixo,  
E dispenso amigos tais,  
Por não ficarmos iguais  
Na justiça, e no despacho.

*(Ao Ilustríssimo, e Excelentíssimo Senhor Conde de Vila Verde, quando morreu o Pai do Autor)*

Peito de tanta bondade  
De bom Pai o nome presa;  
Levou-me um a Natureza;  
Mas deixou-me outro a piedade.  
Amparai minha orfandade,  
Porque a vossos pés me humilho:  
Se não me abris outro trilho,  
Tal a minha estrada vai,  
Que irão com a vida do Pai  
As esperanças do Filho.

*(Vagando um Ofício que o A. pretendia)*

Jaz o defunto enterrado:  
E agora saber intento,  
Se a caso no testamento  
Me ficou algum legado.  
A vossos pés ajoelhado  
Ponho em vós minha esperança:  
Tenho Parte, e não descansa;  
E nesta causa infeliz,  
Se não fordes o juiz,  
Perderei de certo a herança.

*(Ao Doutor Joaquim Ignácio Seixas, Médico das Caldas)*

Meu Doutor, bem sei que quer  
Que eu venha às Ave-Marias;  
Mas olhe: há uns certos dias  
Em que isto não pode ser.  
Dona Antonia Xavier  
(Que o Céu por séculos guarde)  
Faz anos, e eu esta tarde  
Perco à Medicina o medo:

Noutros dias virei cedo;  
Mas neste, há de ser bem tarde.

### DÉCIMA

*(A um Pregador célebre, Fr. João Jacinto, estando jantando com o A.)*

Se deste potente vinho  
Não cerceias as rações,  
Temo que nos teus Sermões  
Alegues só São Martinho.  
Se lhe dás largo caminho  
Pelo teu fecundo peito  
Seu fatal mágico efeito  
Deixando-te a três de fundo,  
Te fará ser o segundo  
Que diga: *sempre me deito.*

*(Carta a Lourenço da Mota, Oficial da Secretaria)*

Amigo Lourenço: Se tu não sabes o que é não ter dinheiro, eu to explico: Abaixo de Estupores é o maior mal do mundo, principalmente para quem herdou Irmãs sem nenhum rendimento, e com muito bom estomago.

Por ver se aligeirava esta carga, empenhei-me em um milhão para lhes comprar tenças, e em outro para lhas assentar; mas como as não cobrão, morrem de fome, e depois que são ricas, tornam-se a mim, e delas aprendo o que são lucros cessantes, e danos emergentes. Cuidei que tinha metido uma lança em África, e vejo que a meti em mim mesmo; e arde agora a vela pelas duas pontas.

Tu que tens bom coração, e que estás ao pé do Senhor Marquez, que o tem melhor, pede-lhe por caridade o despacho dessa petição.

Não te assustem os três anos; porque ainda mal que ouço que no de 93 não tiveram cabimento. Pede-lhe que já que me livrou de crianças, me livre também de velhas, gado ainda mais impertinente, e que se não contenta com figuras de Retórica. Interessa-te pelo teu

Nicolau, Amigo, e Colega, e sabe que, se lhe não mandas as Portarias, terás a vergonha de o ver andar pelas outras. Recomenda-se à tua eficácia.

O teu fiel Amigo.  
N. T.

Peço que mates a fome  
A este meu povo imenso,  
E peço-te, meu Lourenço,  
Pelo Santo do teu Nome.  
Por um bom serviço tome  
A paga das tais tencinhas.  
Pois teve as carnes mesquinhas  
Em vivas brasas vermelhas,  
Em louvor das suas grelhas  
Peço me livres das minhas.

Com esta tenho enviado  
Três cartas, segundo penso,  
Ao meu amigo Lourenço:  
Nem reposta, nem mandado.  
A dor de que estou tomado  
Sim desejo aliviá-la:  
Mas a tua mais me abala,  
E parece mais intensa:  
Pois eu sim fico sem Tença;  
Porém tu estás sem fala.

*(Ao Ilustríssimo, e Excelentíssimo Senhor Conde de Vila Verde, andando o A. na pretensão de ser Oficial da Secretaria de Estado)*

## DÉCIMA

Senhor, venho perguntar  
Quando ides ficar no Paço:

Para que à força de braço  
Lanceis esta não ao mar.  
Sabe montes aplanar  
Vossa discreta portia:  
E pinta-me a fantasia,  
A qual nem sempre me engana,  
Que só na Vossa semana  
Me há de chegar o meu dia.

*(Ao Juiz do Crime de Andaluz, dando-lhe este parte que estava para casar, e mostrando-lhe versos, que fizera à Noiva)*

Manoel, muda o cuidado,  
Abafa essa chama ardente:  
Não fala um são a um doente;  
Fala-te outro experimentado.

Já servi ao Deus do engano,  
Forte com forças alheias.  
Passei nas suas cadeias  
Após um ano outro ano.

Prometeu-me alto favor;  
Mas sabe, pois que começa,  
Que o que tive das promessas  
Foram lágrimas, e dor.

Não te deixes enganar  
Do rosto brando, e sereno:  
Tempera em riso o veneno;  
Afaga para matar.

Com mil modos atrativos  
Chama a cega, e incauta gente:  
Lança-lhe dura corrente,  
E escarnece dos cativos.

Como trata os infelizes,  
Que andou outrora amimando,  
Meu peito to está mostrando  
Nesta frescas cicatrizes.

Até em cousas de peta  
Quer mostrar o seu rigor:  
Faz entrar num prosador  
A mania de poeta.

Mas esses laços que trazes,  
Dom desse Deus inimigo,  
Talvez que sejam castigo  
Doutras prisões, que tu fazes.

Fere a muitos tua mão,  
Inda que tanto a reprimes,  
E vens a pagar teus crimes  
Com pena de Talião.

## MEMORIAL

*(A Suas Altezas)*

Se os Príncipes nos são dados  
Para geral benefício,  
E se o seu mais digno officio  
É ouvir os desgraçados:

Ouvi minha desventura,  
E consenti que esta vez  
Se lastime a vossos pés  
Hum queixoso da ventura.

Sáírem humildes ais  
De um peito singelo, e aberto,

É o direito mais certo,  
Quando os Juizes são tais.

Fundadas sobre a verdade  
As minhas súplicas vão:  
Não peço por ambição,  
Peço por necessidade.

Em mim o cuidado cai  
De Irmãs postas em pobreza:  
A piedade, e a natureza  
Me fazem Irmão, e Pai.

Olhos em pranto banhados,  
Que eu sem dor não posso ver,  
Vos fazem agora ler  
Estes versos mal limados.

São tristes Órfãs donzelas,  
E merecem suas dores  
Que vós, Augustos Senhores,  
Hajais piedade delas.

Por mais esforços que eu faça  
Como hei de dar-lhe favor,  
Se o seu triste benfeitor  
Vive na mesma desgraça?

Da miséria as tirareis,  
Se eu da miséria sair:  
Sobre muitos vai cair  
O favor que me fazeis.

Vós, ó Augusta Princesa,  
Em quem o Céu quis juntar  
O melhor que podem dar

A fortuna, a natureza,  
Tende dó de seu lamento;  
E dai a mão favorável  
A um sexo respeitável,  
De que vós sois ornamento.

A petição que vos faço  
Não é de fácil indulto;  
Para pouco, fora insulto  
Valer-me do Vosso braço.

Não é fácil, mas é justa:  
E será bem despachada,  
Se uma vez apresentada  
For por Vós à Irmã Augusta.

Príncipes, tende piedade:  
Ponde a meus queixumes pausa:  
Protegei na minha causa  
A causa da humanidade.

O que de Tito se diz,  
Hum Rei Vosso Avô dizia;  
Chamava perdido o dia,  
Se não fez alguém feliz.

Motivo de tristes ais  
Quaisquer mãos o podem dar;  
Más venturas emendar  
Só pertence a mãos Reais.

Dos homens, inda que ingratos,  
Ouve Deus os rogos justos:  
Vós, ó Príncipes Augustos,  
Sois na terra os seus retratos.

Mas já o tempo oportuno  
Apressa as azas escassas,  
E não devo às mais desgraças  
Ajuntar a de importuno.

Acabe a triste escritura,  
Digna por tal de piedade:  
Eu dei-lhe pranto, e verdade,  
Vós podeis dar-lhe ventura.

*(No dia dos Anos do Ilustríssimo, e Excelentíssimo Senhor Conde de Vila Verde)*

Não venho dourar enganar;  
A vida não é louvor;  
Pois também vivem Tiranos:  
Eu venho, ilustre Senhor  
Louvar obras, e não anos.

De homem comum não se exime  
Quem não tem virtudes claras:  
É pouco fugir do crime:  
Consagram-se as almas raras  
A trabalho mais sublime;

A trabalho heróico: e creio  
Pelo provado aforismo,  
Que em sãos Filósofos leio,  
Que o verdadeiro heroísmo  
É fazer o bem alheio.

Tais trabalhos honra dão  
À digna mão que os procura:  
Não amo Heróis da ambição:  
Buscam a sua ventura;  
Vós buscais a da Nação.

Serem por vós levantados  
Os talentos esquecidos;  
Do triste os ais desprezados  
Serem aos Reais Ouvidos  
Pelas vossas mãos levados;

De quem a vós se acolheu,  
Remediar o queixume;  
Ter como próprio o mal seu;  
É este o vosso costume,  
E o gênio que o Céu vos deu.

E o Trono aos Povos propicio,  
Que vigia em seu favor,  
Fez-lhe o geral benefício  
De mandar, que em vós, Senhor,  
O que é gênio fosse Ofício.

Partiu Ofícios pesados  
Com quem os servisse bem:  
São projetos acertados:  
Quem do Trono o sangue tem,  
Tenha também os cuidados.

Dai aos gratos Lusitanos  
Longo tempo Mão segura  
Contra injustiças, e enganoso;  
E seja a sua ventura  
O louvor dos vossos Anos.

Mas, Senhor, moços Poetas  
Vinguem meus esforços vãos:  
Musas zombam de Jarretas:  
Pedem-me as trêmulas mãos,  
Mais do que Lira, muletas.

Fogosos Vates empreendam  
Altos vôos neste dia:  
Musas com Musas contendam:  
Saíam Odes à porfia;  
E queira Deus que se entendam.

### QUINTILHAS

*(Em louvor de uma Senhora)*

Lira minha, rouca lira,  
Hoje afinada consente,  
Que a trêmula mão te fira:  
Cante uma só vez contente  
Quem por costume suspira.

Louvemos Anarda bela;  
Eu vejo aos astros subir  
Meus versos em honra dela,  
E possa quem os ouvir  
Adorá-la antes de vê-la.

Já ledo as vozes desato:  
Ouve, ó Ninfa, os teus louvores:  
Não pretendo ser-te grato  
Traçando com vivas cores  
Teu angélico retrato.

Permite, Anarda piedosa,  
Que se farte o meu desejo  
Noutra empresa mais gloriosa;  
Que o menor dom que em ti vejo,  
É o dom de ser formosa.

Rubra boca, os olhos belos,  
Que brandamente movidos,  
São de Amor agudos zelos;

Sobre alvo colo esparzidos  
Louros ondeados cabelos;

Braço airoso, a mão de neve;  
Proporcionada cintura;  
Eis a tua copia breve:  
Porém voa a formosura  
Nas azas do tempo leve.

Outros bens mais duradouros  
Não são à tua alma esquivos,  
Bens que nos anos vindouros  
Valem mais que uns olhos vivos,  
Que uns soltos cabelos louros.

A destruir a beleza  
A curva velhice corre:  
Nada conserva firmeza;  
Só a virtude não morre:  
Vence as leis da Natureza.

Tu, que presas a verdade;  
Que trata falsos sujeitos  
Só com a cor de amizade,  
E para os sinceros peitos  
Mostras ter sinceridade;

Tu, que os enganos deslizas;  
Que sabes vencer desgostos;  
Que a lisonja ufana pisas;  
Que não vês somente os rostos;  
Que até corações divisas;

Tu, que da seria prudência  
Segues os ditames puros;  
Que tens amado a inocência,

E nos conselhos maduros  
Mostras de idade experiência;

Teu nome eterno há de ser  
Estampado entre as estrelas;  
Hás de as mais Ninfas vencer,  
Que somente em serem belas  
Fundão todo o seu poder.

A mão a fofa vaidade;  
Dos homens a seu sabor  
Prendem a solta vontade:  
Trazem nos olhos amor,  
No coração falsidade.

Muitas fingem desprezar  
Finezas de amante rude;  
Fingem os sábios amar:  
Não o fazem por virtude,  
Querem talentos mostrar.

De que serve uma alma pura,  
Se os pesados membros cobre  
Rota humilde vestidura?  
Nada vale um peito nobre  
Numa grosseira figura.

Corpo esbelto, onde ajustado  
Brilha, cheio de ouro imenso,  
Curto fraque afrancesado;  
Cheiroso, Candido lenço;  
O cabelo apolvilhado;

Jocosas palavras ocas;  
Estes os dons relevantes,  
Que deixam de vencer poucas  
Das que fingem ser amantes,

E não passam de ser loucas.

Tu tens outro entendimento:  
És sempre igual: não te vales  
Das cores do fingimento:  
Quer séria, quer rindo fales,  
Não fundas torres no vento.

Ris da baixa adulação,  
Mal que os teus ouvidos toca  
A contrafeita expressão:  
Conheces na falsa boca  
O enganoso coração.

Ver sobre mole tapete,  
Curvando as pernas, e os braços,  
Peralta de alto topete,  
Com destros miúdos passos,  
Dançar Francês minuete;

Vê-lo nutrindo esperanças  
Entre agradáveis parceiras,  
Fazer rápidas mudanças,  
Torcendo as mãos nas ligeiras  
Buliçosas contradanças;

Fervente rebeca ouvir,  
Que infunde vivos prazeres,  
Jamais te faz distrair;  
Pois antes dos Sábios queres  
Sábios conceitos ouvir.

Só te vejo atenta em quanto  
Ouves palavras discretas;  
As Musas estimas tanto,  
Que até dos tristes Poetas  
Te comove o triste pranto.

Conheces seu duro mal;  
Que sempre tributam fé  
A coração desleal:  
Que por isso em todos é  
A tristeza natural.

Que às Ninfas endurecidas  
Lhes não causam terno efeito;  
Que triunfam das fingidas,  
Guardando dentro do peito  
Inda frescas as feridas.

Porém já que ousei falar  
De Amor nas sanguíneas rixas,  
Vou a lira pendurar:  
Não quero com minhas queixas  
Teus louvores misturar.

Tu dirás que não tens parte  
No meu mal cruento, e fero;  
Que vou tristezas lembrar-te;  
Dirás que afligir-te quero,  
Quando desejo louvar-te.

Não te debes admirar:  
Sei que em vão me estou queixando;  
Mas quem sente o seu pesar,  
Se principia cantando,  
Sempre acaba a suspirar.

## QUIXOTADA

Espicaça esse animal,  
Companheiro Sancho Pança,  
Entremos em Portugal,  
E vamos molhar a lança

A pró do triste Pombal.

Poetas principiantes,  
Já estou em circo raso:  
Também Apolo é Cervantes,  
Também cria no Parnaso  
Seus cavaleiros andantes.

Não vos chamo, ó sujo rancho,  
Que até os versos errais;  
Em tal sangue as mãos não mancho:  
Para vós, e outros que tais  
Sobeja a espada do Sancho.

Sobre vós carrego a mão,  
Sobre vós, ó folhas velhas,  
Que dais num homem no chão,  
Sem vos lembrar, que entre ovelhas  
É fraqueza ser leão.

Essa boca enganadora,  
Que é hoje da maldição,  
Mil vezes se pôs outra hora  
Sobre a praguejada mão,  
E lhe chamou benfeitora.

Pois já que vós sois assim,  
Povo revoltoso, e ingrato,  
Hoje castigar-vos vim:  
Ireis pelo pó do gato,  
Nem espereis quartel em mim.

Santo Tejo, o curso enfreia,  
E montando rochas duras  
Torna atrás a clara veia:  
Conta novas aventuras  
À formosa Dulcinéia.

Nova guerra o mundo veja,  
Guerra em que pouco se arrisca:  
Serão armas na peleja,  
Provado fuzil, e isca,  
Seca, espinhosa carqueja.

Irmão Sancho, põe-te a pé,  
Põe essas Rimas a prumo,  
Princípio à obra se dê,  
Tolde o ar o negro fumo  
Deste novo Auto da Fé.

Queima essas Sátiras frias,  
Faltas de siso, e conselho:  
Queima prosas, e poesias:  
Acabe o cansado velho  
Em paz os seus tristes dias.

Porém poupa sempre alguma  
Das raras que tem sabor:  
Das outras nem deixes uma,  
Dessas que tudo é rancor,  
E poesia nenhuma.

Em tanto as armas pendura:  
Mas se houver desassisados,  
Que queiram guerra mais dura,  
Da minha lança cortados  
Desceram à sepultura.

Já nuvens de fumo vejo:  
Já chama brilhante o arreda:  
Já se farta o meu desejo;  
Já da viva lavareda  
Dá o clarão sobre o Tejo.

Essas cinzas denegridas,  
Que ao velho poupam mil magoas,  
Leve-as o Tejo envolvidas,  
Fiquem no fundo das águas  
Para sempre submergidas.

Vês, Sancho, do nome meu  
Como voa a clara fama?  
Nem viva alma apareceu  
A apagar a voraz chama,  
Ninguém, ninguém se atreveu!

Vês como ajuda o destino.  
A um bom cavaleiro andante?  
Não precisei de aço fino,  
Nem de pés de Rocinante,  
Nem de elmo de Mambrino.

Ó tu que alçaste a viseira  
Forcejando os nervos velhos,  
E para ver a fogueira  
Limpaste os olhos vermelhos  
Na felpuda cabeleira:

Abaixa a proa uma vez,  
Chega a Dulcinéia bela,  
E dize posto a seus pés:  
Formosíssima Donzela,  
Eu sou um triste Marquez,

“Que fugindo a um povo inteiro,  
A quem metera em furor  
Minha privança, e dinheiro,  
Vim achar mantenedor  
Em teu nobre cavaleiro.

Disse este povo malvado,  
Que eu tinha o reino extorquido;  
Que era gatuno afamado,  
E que em jogos de partido  
Tinha com todos levado;

Que no Tabaco levava  
Hum quinhão avantajado;  
Que o Sabão não me escapava;  
E que sem ser Deputado  
Nas Companhias entrava.

Das minhas Leis murmuravam:  
E os seus pequenos juízos  
Tão pouco o ponto tocavam,  
Que sempre me eram precisos  
Assentos que as declaravam.

Até na língua sem motivo  
Deram críticos revezes:  
Fiz nela estudo excessivo,  
Bebi nos bons Portugueses  
*Monopólio, e respectivo.*

Disse mais o povo insano,  
Que perdi de Roma o trilho;  
Que fui Sultão soberano;  
Que andei casando meu filho  
Segundo o rito Otomano.

Mas toda a maldade é sua:  
Vêm riquezas, e palácio,  
Comem-se de inveja crua:  
São uns novos cães de Horacio  
Ladrando debalde à lua.

Já se me dá pouco, ou nada

Da sua guerra pequena:  
Tenho gente em campo armada,  
Tenho Mendoça com a pena,  
E Dom Quixote com a espada.”

Esta fala, ou outra igual  
Acabada, meu Marquez,  
Faze reverência formal,  
E arrastra os gotosos pés  
Para a vila do Pombal.

Nela vive descansado,  
Porque as águas vão serenas;  
Sempre Ministro de Estado,  
Mandando cousas pequenas  
No teu Lopes encostado.

Junto à Estátua vil canalha  
Desprende as línguas tiranas:  
E se esta rude gentalha  
Arrancar com mãos profanas  
A carrancuda medalha:

Armas em ouro gravadas  
Ser-te-ão por mim erigidas,  
E por ti mesmo traçadas,  
Em sangue humano tingidas,  
E com mil leis penduradas.

## ODE

*(Oferecida a Suas Majestades, no dia da Aclamação da Rainha Nossa Senhora)*

A vida escura em que a natureza, e a fortuna me lançaram tão longe dos Reais pés de Vossas Majestades; o medo justo de mandar uma voz fraca, e desconhecida aos ouvidos de Reis, prenderiam hoje a

minha língua temerosa, se o amor da Pátria, e o gosto de a ver feliz, dando-me novo espírito, me não pusessem na boca esta linguagem, de uma alma singela, estes versos sem arte ditados pelo amor respeitoso, e que em lugar de enganosa, e enfeitada poesia, descubrem unicamente os sentimentos de um coração fiel, onde Vossas Majestades reinam Soberanamente.

Neste Trono, a que poucos Monarcas sobem, tem a Nação Portuguesa colocado a Vossas Majestades por aquele talento de agradar, dom do Céu, precioso, e raro na Sagrada Pessoa dos Reis, que querem (como Vossas Majestades conseguiram) ser aclamados pela alegria pública, e pela torrente de lágrimas, com que um povo inteiro, transportado de gosto, levantava às estrelas os Augustos Nomes de seus novos Reis. Eu vi, Senhores, este grande espetáculo; foi uma cena de ternura, que arrancaria lágrimas ainda a um coração que não fosse Português. Vi soldados velhos, que endurecidos ao frio, e à calma, queimados com o fogo da pólvora, anunciavam um coração de ferro, banharem pela primeira vez de lágrimas terníssimas aqueles honrados rostos, aquelas cerradas feridas, que receberam pela Pátria, e que tornariam a abrir com gosto, se o felicíssimo Reinado de Vossas Majestades não estivesse destinado à paz, e à felicidade dos seus povos; era preciso ser insensível para que no meio de um povo entregue à doce, e tumultuosa desordem, que cansa a alegria excessiva, se conservasse a minha alma na sua situação ordinária; prendeu nela uma faísca do fogo sublime, que eu vi atear nos corações Portugueses: a alta idéia das Virtudes de Vossas Majestades, a multidão de benefícios com que vemos dourados os dias do seu faustíssimo Reinado, uma longa serie de felicidades aberta no futuro diante dos meus olhos, me levariam a través do povo, e das armas ao Trono dos Reis, onde à face do Céu, e dos homens me desentranhasse em gritos de alegria, e mostrasse nesta espécie de delírio, que o coração de Vossas Majestades não trabalha para ingratos; mas o profundo, e sagrado respeito, que pôde sufocar em mim este ímpeto de ternura, não pôde fazer calar-me; levado da invencível força do amor, e do reconhecimento, me atrevo a pôr na Real presença de Vossas Majestades grandes cousas em mãos versos; ponho a simples

verdade, ponho os votos da Nação, e algumas das muitas ações de piedade com que Vossas Majestades tem mandado contentes os que levam por valia a razão, ou as desgraças. Se Vossas Majestades do alto do Trono se dignarem lançar os olhos sobre estes humildes versos, reconheceram neles não o Estro que faz Poetas, mas o que faz vassallos amantes de seus Soberanos. Estro sublime, e que deve tocar mais no coração dos Monarcas, do que o das Odes famosas de Pindaro, e de Horacio, cheias da mais bela poesia; mas filhas da arte, e da lisonja, e onde não fuzila aquela luz de verdade, que dará logo nos Reais olhos de Vossas Majestades, se eu tiver a incomparável honra de que este papel seja apresentado diante do Augusto, e Respeitável Trono dos Pais da Pátria, dos Amigos, dos Benfeitores, dos Reis adorados da felicíssima, e sempre fiel Nação Portuguesa.

## ODE

Das virtudes guiados  
Subi ao alto Trono, oh Reis Augustos;  
Nem sempre esquivos fados  
Se nos hão de mostrar surdos, e injustos:  
Abrem vasto tesouro,  
E nos mandão por Vós a Idade de Ouro.

Do Rei aos Céus erguido  
O Reino, e o coração tendes herdado,  
Benigno, enternecido,  
De mil virtudes solidas dotado;  
Por gênio piedoso,  
E digno em fim de tempo mais ditoso.

Da Eterna Providência  
Os benéficos raios fuzilaram;  
Já se estima a inocência,  
Já os tempos de Ferro se abrandaram,  
Já vem o ar talhando  
A Piedade, e a Justiça os braços dando.

Com súbita alegria  
Tornai a ver os conhecidos lares,  
Tornai a ver o dia,  
Vós que habitastes hórridos lugares,  
Lugares desumanos  
Onde passastes dez, e outros dez anos.

Do chão desentranhados  
Vinde jurar os novos Reis felizes:  
Nos pulsos descarnados  
Mostrai ao Povo as roxas cicatrizes,  
E os grilhões inda quentes  
Na praça triunfal deixai pendentes.

Que lágrimas levaste,  
Pátrio Tejo, na tua escura veia  
Quando turvo passaste!  
E as ondas, que quebravas sobre a areia,  
Que cinzas que regaram!  
Que triste sangue para o mar levaram!

Mas torna, oh manso Tejo,  
Torna a volver corrente prateada:  
Já tais males não vejo:  
E até já foge a nuvem carregada,  
Que à triste Lusa terra  
Prometia fatal, e pronta guerra.

De pelouro violento  
Não vê cair o exangue companheiro;  
E dorme ao som do vento  
Em campo aberto o mole pegureiro;  
O lavrador cantando  
Em paz herdados campos vai cortando.

Da sorte das batalhas  
Livrai, Piedosos Reis, os Portugueses;

Pendurem duras malhas,  
E os temperados lúcidos arnezes  
Os arditos soldados  
Das lagrimosas Mães em vão chamados.

Que dias florescentes  
Ao vosso fiel povo preparastes!  
Quando com mãos prudentes  
O peso dos negócios espalhastes  
Sobre os ombros robustos  
De Ministros inteiros, sábios, justos.

Gêmeo maniatado  
Longo tempo o infeliz merecimento;  
Mas já, o colo alçado,  
Sacode o negro pó do esquecimento,  
E a virtude inocente  
De ilustres palmas lhe coroa a frente.

Já vingadas serão  
Do vil tutor as tímidas donzelas;  
Já não erguem em vão  
As mãos, e os tristes olhos às estrelas;  
Nua de falsidade  
Aos ouvidos dos Reis chega a verdade.

Mil louvores lhe cantão,  
O limpo coração pondo no rosto:  
E n'alma lhe levantam  
Novo Trono, sobre ela melhor posto,  
Que entre espessas falanges,  
Que sobre ouro, ou pérolas do Ganges.

Novos Reis Soberanos,  
Que hoje as rédeas tomais do Reino vosso,  
Os Fastos Lusitanos  
Dirão de Vós o que eu dizer não posso:

Vossa Augusta Memória  
Abrirá largo campo à longa História.

Sem trabalho podeis  
Fazer feliz a gente Portuguesa,  
Seguindo as santas leis,  
Que n'alma vos gravou a Natureza,  
A rara humanidade  
A incorrupta Justiça, a sã Verdade.

*(No dia dos Anos do Ilustríssimo, e Excelentíssimo Senhor Marquez de Angeja)*

### ODE

A rouca Lira, Musa, temperemos,  
Cordas de ouro lhe ponho:  
O triste Boticário em paz deixemos,  
E o Gamão enfadonho;  
Inspira-me uma vez sonoros hinos,  
Que Apolo julgue deste dia dinos.

Ensina-me a louvar do Ilustre Angeja  
Talentos superiores;  
Que sofreu os assaltos d'alta inveja,  
Como sofre os louvores;  
Cuja alma não conhece vis mudanças,  
Ou corram tempestades, ou bonanças.

Sem temor estalar o raio ouvia,  
Que ao perto fuzilava;  
O reto coração tendo por guia,  
Seguro caminhava;  
Em vão medonha tempestade freme,  
Seu grande coração só crimes teme.

Ao pé do Trono Augusto em fim chamado  
Venceu a crua inveja;  
Quem no Conselho o pôs dos Reis ao lado  
Não foi sangue de Angeja,  
Não foi de Espanha antigo Filhamento,  
Foi sã justiça, foi merecimento.

Não revolvo a Real Genealogia  
De Henrique, e de Fernando;  
Os sãos louvores deste grande dia  
De ti mesmo tirando,  
Só louvarei com paternais façanhas  
Quem seu nome dever a mãos estranhas.

Vias correr teus dias sossegados  
Nutrindo esse alto espírito  
No que ficou dos séculos dourados  
Em prosa, ou verso escrito;  
Recolhendo na provida memória  
De estranhos Reis, e de teus Reis a história.

Outras vezes rasgando à vasta terra  
Seu peito cavernoso,  
Ou descobrindo quanto o mar encerra  
De raro, e precioso,  
Profundavas com seria madureza  
Os segredos da oculta natureza.

De tão doces estudos arrancado  
Por mais altos destinos,  
Da Lusa gente, e de seus Reis chamado  
A empregos de ti dinos,  
Sacrificas aos novos Soberanos  
De maduro saber teus cheios anos.

Permita o Céu que em tais trabalhos vivas  
Claro nome estendendo;

E que as douradas horas fugitivas,  
As azas encolhendo,  
Façam que o tempo demorando o passo  
Sinta a foice cair do frouxo braço.

Que cem vezes raiando este bom dia  
O Oriente esclareça;  
Que imperturbável solida alegria  
Com ele te amanheça;  
Que em naturais terníssimos afetos  
A mão te beijem Netos de teus Netos.

Mas deixa, ó Musa, a frouxa poesia  
Para assuntos menores;  
Não profanem de Angeja a glória, e o dia  
Importunos louvores;  
Pois inda que soubesses dirigi-los,  
Quer merecê-los; mas não quer ouvi-los.

Engana-te o desejo, que te inspira,  
Reconhece o teu erro;  
Se vês, que só ajustam nesta lira  
Negras cordas de ferro,  
Não torças, não, teu mísero fadário:  
Torna ao Gamão, e ao triste Boticário.

## ODE

*(Ao Senhor D. Domingos de Assis Mascarenhas)*

Clio uma seta tira  
Da aljava de ouro, que pelo ar vazio  
Longe correndo fira  
Junto ao Mondego saudoso rio:  
Ali em torno às suas margens voe,  
E por feliz três vezes o apregoe.

As claras águas regam  
Plantas belas, fecundas, generosas:  
Com desvelo se empregam  
Em cultivá-las mãos industriosas:  
Quão doces frutos, quão cheirosas flores  
De tais águas, tais plantas, tais cultores:

Ergue, ilustre Mondego,  
Ergue tua cabeça sobre as águas:  
Assaz no fundo pego  
Choraste um tempo tuas tristes magoas.  
Olha teus campos como esmalta agora  
Em formosa união Pomona, e Flora.

Ó seio de candura,  
Mascarenhas, Tu és o alvo, a meta,  
Que ansiosa procura  
Da minha Clio a empenada seta.  
Tu na alma paz, na sanguinosa guerra  
Podes ornar a tua, e alheia terra.

Mas boa sorte mude  
Meu dito, e a outra parte te não chame  
E onde tanta virtude  
Tem a raiz, os frutos seus derrame;  
Nem menos tempo o Sol ilustre, e aquecente  
A quem o viu desde o seu claro oriente.

Porém, se é ordenado  
Da Providência sabia, santa, eterna,  
Cristão peito humilhado  
Adora o Sumo Ser que assim governa:  
Antes se goza, e dentro n'alma estima  
Que Astro tão belo alegre mais dum clima.

Entre tanto difunde  
Na Pátria tua luz copiosa, e clara;

Que, se logo confunde  
Os fracos olhos, depois guia, e aclara.  
Arda ante incertos pés (e gritem vícios)  
Alta tocha, que mostre os precipícios.

Constância! que guardado  
Está o galardão a teus suores,  
Onde em cume estrelado  
Vibra o Templo da Glória resplendores.  
Dali olhos não tires; que ao trabalho  
É doce viração, é fresco orvalho.

Tu, e esse Coro ilustre  
De mancebos Heróis, que se obrigam  
A dar ao mundo lustre,  
Quando o alto sangue dos Avós herdaram;  
Concebei novo fogo, e novo brio  
Ouvindo onde vos chama a minha Clio.

Oh, se alguém me pusesse  
Nas margens do Mondego claro, e frio:  
Certo me não vencesse  
Cisne de Dirce sobre o pátrio rio.  
Ali tão docemente vos cantara,  
Que a ouvir-me feras, montes abalara.

Mas engenho ir recusa  
Onde ir Amor, e Gratidão me incita:  
Néscia, se o esperas, Musa!  
Não corre lasso pé estrada infinita.  
Almas ilustres, haveis somente  
O dom sincero de um desejo ardente.

Só mal sonora rima,  
Que sem veia forjou saudade, e zelo,  
Leram o amável Lima,

O sábio Castro, e o profundo Melo,  
Pedras, que tu mal sofres, ó Lisboa,  
Faltarem tanto tempo à tua coroa.

*(Em louvor da Saúde)*

## ODE

Não procura palácios suntuosos  
A brilhante Saúde;  
O seu rosto agradável, e risonho,  
Até aos Reis se esconde:  
Ela faz com que seja venturoso  
O roto Peregrino,  
Se entre a negra gadelha, lhe aparece  
Hum semblante sadio.  
O Cativo Remeiro fatigado,  
Do ardente Sol não fuja:  
Em ferros envolvido o duro corpo,  
Trabalhe o dia inteiro:  
O queimado semblante ande banhando  
De violento suor:  
Apressado mastigue, e poucas vezes,  
O corrupto biscoito:  
  
Mas tenha o rosto alegre, e sossegado  
Entre as duras prisões,  
Se à pálida doença não tem visto  
O macilento aspecto;  
Se com braço membrudo, e vigoroso  
Força o remo pesado.  
Inda sinto inflamar-me em teus louvores,  
Oh Saúde aprazível!  
Tu és Filha do Céu, Mãe da alegria,  
Dom de Deus Piedoso.  
Se os míseros mortais expõem a vida

Por danosas riquezas;  
Por elas que fariam, se servissem  
De te fazer propicia?  
Filha do Céu benigno, se te deras  
Por ouro, ou fina prata,  
Eu não temera as tempestuosas ondas  
Do fervido oceano:  
Nos ocultos sertões iria entrando  
Com a mesma cor no rosto;  
Não me assustara o dente venenoso  
Da enroscada serpente;  
Do fértil oriente nos outeiros  
Cavaria ansioso,

Por ver se das entranhas te trazia  
Abundantes tesouros.  
Mas a bela Saúde, é dom celeste;  
Com ouro não se compra:  
Ela foge dos ímpios, que se assentam  
A saborosas mesas;  
Que adormecem em leitos guarnecidos  
De preciosas sedas;  
E vai guardar, com provido cuidado,  
O simples Pescador,  
Que sobre ásperas rochas, sem abrigo  
Aos rigorosos tempos,  
Vai nutrindo no corpo mal vestido  
Hum coração sincero;  
Que humilde sabe erguer ao Céu piedoso  
As inocentes mãos.



**Iba Mendes Editor Digital**  
**[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)**